




Um encontro entre Brasil e Provença: o imperador dos Trópicos no Império do Sol

*When Brazil and Provence meet: the Emperor of the
Tropics in the Empire of the Sun*

*Encuentro entre Brasil y Provenza: el Emperador de los
Trópicos en el Imperio del Sol*

Pierre-Paul Hay-Napoleone¹

 [0009-0001-5644-1230](https://orcid.org/0009-0001-5644-1230)

Resumo: O último imperador do Brasil, Dom Pedro II, também era conhecido como um monarca erudito, interessado em artes, humanidades e ciências técnicas. Suas várias visitas ao exterior permitiram que ele estabelecesse relacionamentos não apenas com frequentes figuras políticas, mas também com muitos artistas e cientistas renomados. Suas visitas à França não foram exceção, e foi com especial interesse que o monarca brasileiro estabeleceu relações no sul da França. Baseado nas anotações deixadas por Dom Pedro em seus diários pessoais, em publicações acadêmicas, bem como em textos e documentos de época, o objetivo deste artigo é examinar suas viagens e lançar um olhar histórico sobre a ligação entre a Provença e Dom Pedro, destacando o encontro entre o monarca e Frédéric Mistral em sua primeira viagem, e em seguida os frequentes encontros com vários membros do Félibrige.

Palavras-chave: Dom Pedro II. Panlatinismo. Felibrige. Tradução.

Abstract: The last emperor of Brazil, Dom Pedro II, was also known as an erudite monarch, interested in the arts, humanities and technical sciences. His various visits abroad allowed him to establish relationships not only with frequent political figures, but also with many renowned artists and scientists. His visits to France were no exception, and it was with particular interest that the Brazilian monarch established relations in the South of France. Based on the notes left by Dom Pedro in his personal diaries, academic publications, as well as period texts and documents, the aim of this article is to examine Dom Pedro's travels and take a historical look at the link between Provence and Dom Pedro, highlighting the meeting between the monarch and Frédéric Mistral on his first trip, and then the frequent meetings with various members of the Félibrige.

Keywords: Dom Pedro II. Panlatinism. Felibrige. Translation.

Resumen: El último emperador de Brasil, Dom Pedro II, fue también conocido como un monarca erudito, interesado por las artes, las humanidades y las ciencias técnicas. Sus diversas visitas al extranjero le permitieron establecer relaciones no sólo con frecuentes personalidades políticas, sino también con numerosos artistas y científicos de renombre. Sus visitas a Francia no fueron una excepción, y fue con especial interés que el monarca brasileño estableció relaciones en el sur de Francia. A partir de las anotaciones dejadas por Dom Pedro en sus diarios personales, de publicaciones académicas, así como de textos y documentos de época, el objetivo de este artículo es examinar los viajes de Dom Pedro y dar una mirada histórica al vínculo entre Provenza y Dom Pedro, destacando el encuentro entre el monarca y Frédéric Mistral en su primer viaje, y luego las frecuentes reuniones con diversos miembros de la Félibrige.

Palabras-clave: Dom Pedro II. Panlatinismo. Felibrige. Traducción.

¹ Doutor em Estudos Românicos pela Université d'Aix-Marseille (AMU-França). Atualmente realiza Estágio de Pós-Doutorado na mesma Instituição de Ensino Superior, dedicando-se a pesquisar as ligações entre a Provença e Portugal pelos trovadores. E-mail: PierPaul.HayNapoleone.formation@gmail.com.



Introdução

Segundo e último imperador do Brasil, deposto por um golpe de Estado em 1889, Dom Pedro II² dirigiu um país estável e próspero durante a segunda metade do século XIX: no plano cultural, desenvolveram-se as artes (escultura, pintura e fotografia³) e a literatura (surgimento do Romantismo chegando da Europa e adaptado às realidades brasileiras), no plano econômico, chegaram muitos imigrantes da Europa, nomeadamente portugueses, italianos e alemães, e no plano internacional, o Brasil saiu vitorioso de três conflitos armados: Guerra do Rio da Prata (1851-1852), Guerra do Uruguai (1864-1865) e Guerra do Paraguai (1864-1870).

Estudioso e com grande interesse pelas ciências, artes e literatura, nos últimos anos de seu reinado fez várias viagens importantes para fora do país⁴, ganhando o apelido de “Sua Majestade Itinerante” e encontrando as principais figuras de seu tempo (Victor Hugo, Friedrich Nietzsche, Louis Pasteur, Charles Darwin, entre outros). Ele também visitou a França várias vezes, onde se estabeleceu durante seu exílio, principalmente em Cannes.

O objetivo deste artigo é lançar um olhar histórico sobre a ligação entre a Provença e Dom Pedro, destacando o encontro entre Dom Pedro e Frédéric Mistral em sua primeira viagem, e em seguida os frequentes encontros com vários membros do Félibrige. Antes de examinar essas relações, é necessário observar alguns dos elementos contextuais (lugares, situações etc.) nos quais essas relações e os conceitos abordados foram desenvolvidos. Para isso, estas apresentações se baseiam nas anotações deixadas por Dom Pedro em seus diários pessoais, em publicações acadêmicas, bem como em textos e documentos de época, alguns dos quais se encontram em bibliotecas ou instituições. Essas fontes mostram a facilidade com que o imperador abordava vários assuntos, sejam eles literários, científicos ou técnicos, e também revelam alguns dos aspectos menos solenes de sua vida durante suas visitas à

² Seu nome completo é Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael. Ele nasceu em 2 de dezembro de 1825 no Rio de Janeiro e morreu em 5 de dezembro de 1891 em Paris. Tornou-se imperador do Brasil após a abdicação de seu pai, Dom Pedro I, em 7 de abril de 1831, e permaneceu imperador até 15 de novembro de 1889, após um golpe de estado militar e a instauração da República. A família imperial partiu para o exílio e, seis semanas depois, a imperatriz morreu em Lisboa.

³ Os pintores viajantes da missão artística francesa de 1816, entre os quais Jean-Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay, e os primeiros fotógrafos na década de 1830.

⁴ Em 1871-1872 (Europa, Egito, Palestina e Ásia Menor), em 1877 (Estados Unidos, por ocasião da Exposição Universal da Filadélfia e Europa), em 1887-1888 (Europa), em 1890-1891 (Europa, e principalmente Cannes e Paris).



Provença e seu envolvimento em várias associações culturais. Essa abordagem serve para lançar luz adicional sobre alguns episódios do imperador brasileiro e sua integração, e sobre a importância que ele deu ao espírito latino na vida cultural provençal. Os recursos documentais consistem principalmente em publicações de jornais e revistas⁵, mas também fontes de vários institutos científicos e culturais.

A herança romana

A partir de 1830 e da independência da Grécia, a Europa foi agitada pela questão das nacionalidades por meio de três movimentos principais: o pangermanismo, o pan-eslavismo e o pan-latinismo.

O panlatinismo era diferente de outros pan-nacionalismos. Por sua própria existência, foi uma reação ao pan-eslavismo e ao pangermanismo: o panlatinismo pretendia ser confederal, unindo as pessoas em torno de um único sistema político⁶, enquanto o pangermanismo procurou unir em torno de si territórios que lhe eram estranhos, com base no fato de que a língua alemã era falada nesses territórios, e enquanto o panslavismo era visto como expansionista e autoritário. Além disso, o pan-latinismo não se limitava à noção de raça e idioma; Ernest Renan (1882, p. 1) denunciou a confusão entre raça e nação e deplorou o fato de que “[...] aos grupos etnográficos, ou melhor, linguísticos, é atribuída uma soberania análoga à dos povos realmente existentes”⁷. Ao contrário do pangermanismo e do pan-eslavismo, que eram expansionistas, o panlatinismo pretendia, de fato, ser universalista, herdeiro da Revolução Francesa (1789).

O conceito pan-latinista não se desenvolveu no Brasil, em particular, ou na América do Sul, em geral, da mesma forma que na Europa. Vários eventos e aspectos contribuíram para essa situação. Em primeiro lugar, havia rivalidades entre o Brasil de língua portuguesa e seus vizinhos de língua espanhola e, em particular, um conflito entre o Paraguai e o Brasil entre 1865 e 1870, antes que este último se unisse à Argentina e ao Uruguai (Guerra da Tríplice Aliança / Guerra do Paraguai). Além disso, ao contrário de seus vizinhos, o Brasil era uma monarquia e não uma república. Nessa situação, as rivalidades entre esses países latinos impediram o desenvolvimento de um espírito latino baseado no modelo europeu,

⁵ *Diários de de Dom Pedro* (DDP), *Armana Prouvençau* (AP), *Le Petit Marseillais* (PM) principalmente.

⁶ Conferir o programa político de Benedetto Castiglia.

⁷ Original: “l’on attribue à des groupes ethnographiques ou plutôt linguistiques une souveraineté analogue à celle des peuples réellement existants”.



embora a influência francesa, instigadora desse espírito latino, tenha se feito sentir desde o primeiro quartel do século XIX nas artes e na literatura⁸, bem como por meio da chegada de franceses ao país⁹. Como afirma Luís Cláudio Villafañe Gomes Santos (2004), o Brasil teve de elaborar uma política externa que conciliasse todos esses aspectos, especialmente em virtude do americanismo e a Doutrina Monroe¹⁰ que estavam surgindo, assim como o hispanismo na então chamada América Latina¹¹. Assim, enquanto na Europa o movimento latinista se opunha aos movimentos germanista e eslavista, no continente americano ele se deparava com novas aspirações.

Por outro lado, para Edgar Morin (2006), na América do Sul, assim como na Europa, não se tratava de falar de latinidade, mas de latinidades. Para ele, as conquistas espanholas e portuguesas causaram não somente a “[...] terrível destruição de civilizações como a dos astecas e incas, com escravização em massa”¹² (Morin, 2006, p. 5), mas também a introdução, por meio das missões jesuítas, das línguas espanhola e portuguesa e de novas latinidades por meio do contato com as populações indígenas. Essa soma de latinidades também “[...] era uma forma de solidariedade em relação a representações conjuntas de história, idioma e território”, de acordo com as considerações de Georges Duby (1986, p. 23) sobre a questão:

Claramente, para aqueles que a propagaram até os antípodas, a latinidade não era somente uma forma de falar e escrever. Era uma maneira de encarar a vida, um

⁸ Nicolas-Antoine Taunay e a missão artística francesa de 1816 à corte de Dom João VI (1816-1826), criou a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios no mesmo ano. Esse grupo de artistas franceses trouxe com eles o neoclassicismo então em voga na França. Havia também a corrente literária do Romantismo, liderada por Lamartine e Victor Hugo, bem como a distribuição no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife da publicação francesa *La Revue des Deux Mondes*, a partir de 1829.

⁹ Já em 1815, uma das ruas mais antigas do Rio, a Rua do Ouvidor, era uma área comercial típica da elegância e do bom gosto franceses, reunindo pintores, livreiros, joalheiros, perfumistas e alfaiates da França.

¹⁰ De acordo com essa doutrina, que leva o nome do presidente dos Estados Unidos, James Monroe, todo o continente americano devia ser preservado de qualquer colonização (principalmente europeia) e qualquer tentativa seria considerada uma ameaça à segurança e à paz.

¹¹ A expressão “América Latina” refere-se a diferentes realidades sociopolíticas (para obter mais detalhes, ver: Brandalise Carla, 2013) e há alguma controvérsia na literatura sobre a origem dessa expressão, que teve origem no século XIX. Para alguns autores, como Arturo Ardao (1980) e Ignacio Hernando de Larrañendi (1992), foi o colombiano José María Torres Caicedo quem primeiro usou o conceito no século XIX. Por sua vez, Leopoldo Zea, do Colégio do México (1977), atribui ao acadêmico francês Lazar Maurice Tisserand a invenção do termo em 1861, em um artigo publicado na *La Revue des Races Latines*. Outros autores, como Fernando Del Paso (1987), acreditam que a expressão foi cunhada por Michel Chevalier, um ideólogo da teoria pan-latina de Napoleão III. Por fim, o escritor chileno Miguel Rojas Mix (1986) afirma que seu compatriota Francisco Bilbao foi o primeiro a usar a expressão América Latina em uma conferência realizada em Paris em 1856, precedendo todos os outros, mas que ela foi difundida por José María Torres Caicedo, devido à sua influência nos círculos culturais e diplomáticos ibero-americanos em Paris.

¹² Original: “[...] une destruction épouvantable des civilisations comme celles des Aztèques et des Incas, avec des asservissements de masse.”



sistema de pensamento, um conjunto de atitudes modelado por uma longa tradição cívica e religiosa.¹³

Posteriormente, a emancipação dos colonos com relação ao poder metropolitano, seguida pela conquista da Independência, ajudaram a fortalecer essas latinidades, como foi o caso na Europa depois do colapso do Império Romano. Considerando a situação no Brasil, Marie-José Ferreira dos Santos (1994, p. 85) observa que: “Ele [o discurso panlatinista] também corresponde ao desejo real da elite brasileira de ser semelhante à elite europeia, especialmente a francesa”.¹⁴

Além disso, a própria noção de uma raça latina foi contestada pelos antropólogos, pois os critérios para agrupar os diferentes povos que supostamente a representavam não estavam claramente definidos. Referindo-se a Yves Guyot (1899), Francesca Zantedeschi (2012, p. 6) aponta que

[...] não foi a conquista romana [...] que deu à França seu suposto caráter latino. De fato, ele [Yves Guyot] recusa a analogia feita entre língua e raça: ‘A influência romana, em termos de língua, modos, costumes, vestimentas, leis e religião, foi rápida e profunda; mas a influência antropológica foi quase inexistente’.¹⁵

A ciência e a literatura foram de grande importância para Dom Pedro II na formação da identidade nacional brasileira, especialmente porque o soberano queria que o país se distanciasse da influência da mãe pátria portuguesa. Assim, o movimento romântico trazido da Europa tinha tons e matizes locais, relacionando-se com as especificidades das diferentes populações brasileiras e dos múltiplos territórios que compunham o país, aproximando-se de um romantismo engajado e até mesmo nacionalista.

Por outro lado, na segunda metade do século XIX, foram feitos esforços para dar ao Brasil uma imagem que não fosse a de um país exótico. Na França, isso tomou a forma de artigos sobre a história, a sociedade e a literatura brasileiras. Em 1882, o Barão Charles de Tourtoulon, um *majoral* do Félibrige¹⁶, fundou a *La Revue du Monde latin*. No entanto, ela

¹³ Original: “De toute évidence, la latinité, pour ceux qui la propagèrent jusqu’aux antipodes, n’était pas seulement une manière de parler et d’écrire. C’était manière de prendre la vie, un système de pensée, un ensemble d’attitudes modelées par une longue tradition à la fois civique et religieuse”.

¹⁴ Original: “Il [le discours panlatiniste] correspond aussi à la volonté réelle de l’élite brésilienne de s’apparenter à l’élite européenne, et notamment française”.

¹⁵ Original: “[...] ce n’est pas la conquête romaine [...] qui a pu donner à la France ce supposé caractère latin. Il [Yves Guyot] refuse en effet, l’analogie que l’on fait entre langue et race : « L’influence romaine, sous le rapport de la langue, des mœurs, des coutumes, du vêtement, des lois, de la religion, a été rapide et profonde ; mais l’influence anthropologique a été presque nulle”.

¹⁶ O Felibridge foi fundado em 21 de maio de 1854 e era um grupo de sete jovens escritores provençais com o objetivo de restaurar a língua provençal à sua antiga glória e, assim, promover a influência intelectual em toda a Provença, por meio de sua língua e literatura. Ele se lançou nesse renascimento latino e, para isso, estabeleceu



era dirigida por brasileiros, o que significava que o Brasil tinha uma presença maior nos artigos da revista, e a América Latina de forma mais geral, mas por razões econômicas: “A América Latina deve ser o grande recurso das nações latinas da Europa, sua nova pátria de emigração, o grande escoadouro de seus produtos” Nery, 1893, p. 357 *Apud* Ferreira dos Santos, 1994, p. 84).

Deve-se lembrar também que provençais, portugueses e, mais tarde, brasileiros, todos compartilhavam a herança dos trovadores, alguns dos quais, sendo inclusive, reis de Portugal, notadamente Dom Sancho I (1185-1212), que se casou com a filha do Conde de Provence e Rei de Aragão, Raymond Bérenger IV, e Dom Denis (1279-1325), fundador da Universidade de Lisboa em 1290¹⁷. Essa proximidade artística e cultural foi um passo natural para estreitar os laços entre o Brasil e a *Europa Latina*, dos quais o provençal Frédéric Mistral foi um dos principais promotores.

Viagens à França em 1871-1872

Para deixar o Brasil¹⁸, Dom Pedro invocou a saúde da Imperatriz Teresa Cristina. Sua viagem começou em 9 de maio de 1871 e o monarca voltou ao Rio em 31 de março de 1872. Naquela época, o Brasil saíra vitorioso de um conflito armado com o Paraguai em 1870 e, no ano seguinte, uma lei, conhecida como Lei do Ventre Livre, permitiu que as crianças nascidas de mulheres escravas fossem livres. A questão da escravidão ressurgiu durante a terceira viagem de Dom Pedro ao exterior, quando a abolição da escravidão (Lei de Auro) foi promulgada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, que estava atuando como regente durante a ausência de seu pai¹⁹. Durante essa primeira viagem²⁰, depois de visitar Paris e suas instituições, monumentos e personalidades em janeiro de 1872,

uma rede cultural e artística em todos os territórios occitanos, mas também fora deles, na Catalunha e na Itália e, mais tarde, na Romênia. Dentro do Felibrige há um consistório (*counsistòri*), responsável por cuidar da filosofia do Felibrige; ele é composto por cinquenta membros, os *majoraux*, eleitos vitaliciamente por cooptação, sob a direção do *Capoulié*.

¹⁷ A universidade foi transferida em seguida para Coimbra em 1307.

¹⁸ De acordo com a Constituição Política do Império do Brasil de 25 de março de 1824, o imperador precisava do consentimento da Assembleia Geral para sair do território brasileiro (artigo 104).

¹⁹ Luís Cláudio Villafañe Gomes Santos (2004, p. 29) observa que a questão da escravidão foi, por muito tempo, um obstáculo à participação do Brasil em congressos “interamericanos”, pois os outros países sul-americanos já haviam abolido a escravidão e pressionavam o Brasil a fazer o mesmo.

²⁰ Dom Pedro visitou Lisboa, Madrid, Paris, Londres, Bruxelas, conforme Danielle Ribeiro de Castro-Mansano (2021, p. 6) indica: “[o monarca] percorreu em 10 meses um total de 14 países e pelo menos 75 cidades de dois continentes”. Para mais detalhes, o leitor indicamos que o leitor consulte: Jorge Enrique Marcelino (2021, p. 253-254).



Com a ajuda desse atencioso ‘mestre de cerimônias’ [Arthur de Gobineau], que tinha grande prestígio entre os parisienses mais instruídos, D. Pedro II visitou várias instituições culturais (o Institut de France, a Académie des Sciences, etc.), onde demonstrou seu vasto e variado conhecimento. Mais tarde, essas instituições o homenagearam com seus títulos mais notáveis. (Divaldo Gaspar de Freitas, 1978, p. 92)²¹

Dom Pedro viajou até o sul da França para visitar Marselha, Cannes, Saint-Raphaël, Montpellier, Toulouse e Bayonne²².

A atitude de Dom Pedro II fazia parte de um desejo de construir uma identidade nacional baseada em uma política aberta às culturas nativas e estrangeiras. Para isso, ele criou uma rede de intelectuais e pesquisadores com os quais manteve uma correspondência ativa ao longo dos anos, fazendo perguntas em vários campos: “Recebi bilhete de Mouton dando a etimologia da fêlibre – fez-me rir – e de mistral”(DDP 17: 28 de janeiro de 1888) e “Deu-me muitas informações sobre a língua hebraica e prometeu-me publicações” (DDP 38: 31 de março de 1891).

Então, como apontam Sergio Romanelli *et al.* (2018, p. 2), “[Ele questiona] seus interlocutores sobre palavras desconhecidas ou difíceis de traduzir e recebe o apoio desses intelectuais, que o admiram por sua dedicação à difusão da cultura em seu país natal por meio da tradução”²³.

É por isso que Tanize Costa (2018, p. 176) diz que:

Os esforços da família imperial e especialmente de Dom Pedro para aproximar o Brasil da França se mostram eficazes. Embora o imperador participe individualmente de instituições de ensino e faça visitas a figuras importantes, escolas e cientistas, o fato de ele representar o Brasil nunca é esquecido. Suas estratégias individuais e públicas para se integrar ao universo mundano europeu e mostrar o Brasil como um país moderno são amplamente divulgadas pelos principais jornais franceses, que ao mesmo tempo valorizam o papel da França como modelo.²⁴

²¹ Original: “Aidé de cet obligeant « maitre de cérémonies » [il s’agit d’Arthur de Gobineau] qui avait un grand prestige chez les Parisiens les plus cultivés, Pierre Second (D. Pedro II) visita plusieurs institutions culturelles (Institut de France, Académie des sciences, etc.), dans lesquelles il montrait ses connaissances profondes et diverses. Plus tard, ces institutions lui rendirent honneur avec ses titres les plus remarquables”.

²² “L’empereur dom Pedro, parti hier de Paris, se dirige vers Marseille et séjournera au Creuzot, à Lyon, à Avignon et à Marseille” - “O imperador Dom Pedro deixou Paris ontem e está a caminho de Marselha. Ele ficará em Le Creuzot, Lyon, Avignon e Marselha” (*tradução nossa*). In: *Le Petit Moniteur universel*, edição de 3 de fevereiro de 1872. Disponível em: [Retronews](https://retronews.org/).

²³ Original: “[il interroge] ses interlocuteurs sur des mots inconnus ou difficiles à traduire et reçoit l’appui de ces intellectuels, qui l’admirent pour son dévouement à la diffusion de la culture dans son pays natal par l’intermédiaire de la traduction”.

²⁴ Original: “Les efforts de la famille impériale et surtout de dom Pedro pour rapprocher le Brésil de la France se révèlent efficaces. Même si l’empereur va individuellement participer à des institutions savantes, faire des visites à des personnalités, aux écoles et aux scientifiques, le fait qu’il représente le Brésil n’est jamais oublié. Les stratégies individuelles et publiques pour s’insérer dans l’univers mondain européen et montrer le Brésil



Os primeiros encontros em país provençal

A chegada do monarca a Marselha em 9 de fevereiro de 1872 foi precedida, como esperado, por um longo artigo no jornal *Le Petit Marseillais*²⁵. Em sua edição de 7 de fevereiro de 1872²⁶, sob o sóbrio título *Le Brésil*, o jornal apresentou uma breve visão geral da história, geografia, economia e sistema político do país, enquanto outro artigo, publicado em 11 de fevereiro, apresentou aos leitores a família imperial²⁷. Vários episódios de sua estada em Marselha foram apresentados em diversas publicações regionais, revelando um homem tão curioso quanto culto, em estreita proximidade com seus vários interlocutores, dando-lhes a impressão de um monarca que não era apenas totalmente acessível²⁸, mas também um conhecedor do assunto que estava sendo discutido:

- *Le Petit Marseillais*, edição de 11 de fevereiro de 1872²⁹:

Ontem de manhã, por volta das sete horas, Sua Majestade o Imperador do Brasil visitou a principal refinaria de açúcar no Boulevard National, onde admirou os equipamentos e as excelentes máquinas.

Dom Pedro II conversou por um longo tempo com o Sr. Marius Massot, que impressionou com seu conhecimento da arte da fabricação e do refino. O Sr. Massot pensou quase estar falando com alguém do ramo, já que o próprio imperador foi indicando os nomes dos instrumentos e não precisou que lhe dissessem como usá-los.³⁰

- *La Gironde*, edição de 13 de fevereiro de 1872³¹:

O imperador do Brasil é, sem nenhuma dúvida, um poliglota talentoso. Ontem ele foi ao Liceu, onde pediu para ver os alunos que estavam estudando o grego moderno. [...] Um assento tinha sido preparado no meio da classe, mas Dom Pedro insistiu em sentar-se no mesmo banco que os alunos; e quando um desses jovens adiantou-se para apresentar suas saudações ao monarca, qual não foi sua surpresa ao ouvir Dom Pedro responder em grego moderno com uma pureza no sotaque que espantou o próprio Sr. Mélas [‘um dos membros mais distintos da comunidade

comme un pays moderne sont beaucoup diffusées par les grands quotidiens français, qui soulignent concomitamment le rôle de modèle joué par la France”.

²⁵ O mesmo aconteceu com suas visitas a várias cidades da França, que foram descritas no *Le Moniteur universel*, *La Presse*, *Le Courrier du Havre*, *Le Journal de Roanne*.

²⁶ Páginas 1 e 2. Disponíveis em: [Retronews](#).

²⁷ Página 1. Disponível em: [Retronews](#).

²⁸ “Suas viagens não eram oficiais e ele as custeava com recursos próprios. Apresentava-se socialmente como Pedro de Alcântara. Vestia-se com roupas civis e carregava a própria mala. Conversava com estranhos, usava transporte público e passeava a pé pelas ruas, apesar de ter uma pequena comitiva que o acompanhava nos seus péréiplos” (Motta, 2018).

²⁹ Disponível em: [Retronews](#).

³⁰ Original: "Hier matin, S. M. l'empereur du Brésil s'est rendu, vers sept heures, à l'importante raffinerie de sucre du boulevard National dont il a admiré l'outillage et les superbes machines. Dom Pedro II s'est entretenu longtemps avec M. Marius Massot, qu'il a étonné par ses connaissances dans l'art de la fabrication et du raffinage. M. Massot croyait pour ainsi dire parler à quelqu'un du métier, car l'empereur désignait lui-même les noms des instruments et n'avait pas besoin qu'on lui en expliquât l'emploi".

³¹ Disponível em: [Retronews](#).

helênica’]. [...] Ao sair do Liceu, o imperador caminhou em direção à rua de Lodi. Ele entrou no nº 70, onde havia um curso gratuito de árabe [Dom Pedro também sabe falar o árabe] [...].³²

Em Marselha, Dom Pedro costumava se hospedar no Grand Hotel de la Paix et du Louvre ("Estou no Grand Hotel de la Paix et du Louvre", DDP 17: 27 de novembro de 1887), na antiga *rue Noailles*³³.

Imagem 1: Rue de Noailles e Grand Hôtel de la Paix et du Louvre



Fontes: Cidade de Marselha (87 fi 3 e 87 fi 4, Etienne Neurdein e Louis-Antonin Neurdein)

Foi em Marselha, onde chegou em 9 de fevereiro de 1872³⁴, que o imperador convidou Frédéric Mistral para conhecê-lo por intermédio do vice-cônsul brasileiro:

Sua Majestade o Imperador do Brasil, durante sua estada prévia em Marselha, disse-me o quanto apreciava suas obras e o quanto desejava conhecer o autor. Pediu-me, até mesmo, que lhe escrevesse para pedir-lhe que estivesse aqui quando ele voltasse, que ocorrerá no dia 9 deste mês, e se quiser vir ao Consulado na manhã desse dia, terei a honra de apresentá-lo a Sua Majestade. Atenciosamente.³⁵

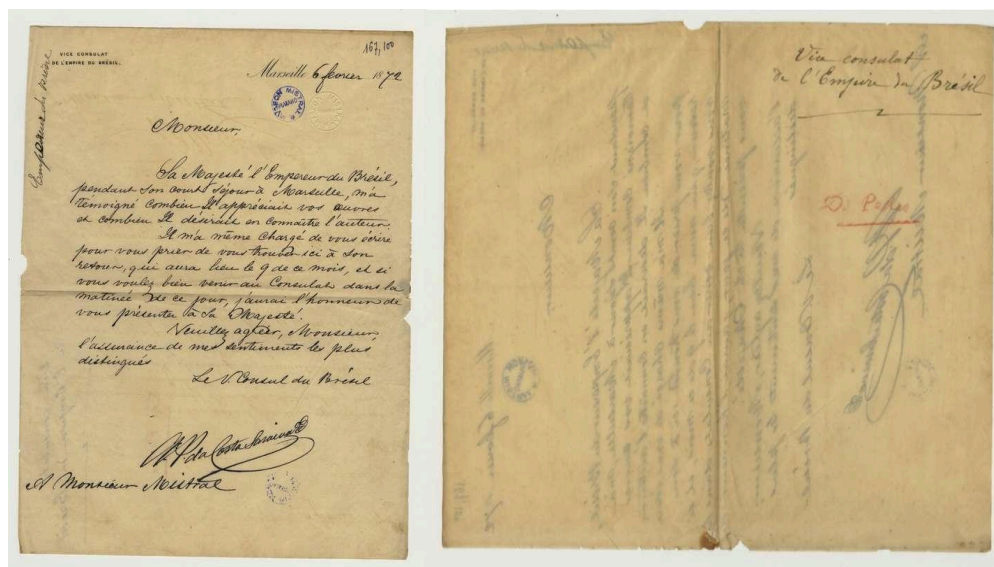
³² Original: "Décidément, l'empereur du Brésil est un polyglotte émérite. Il est allé hier au Lycée, où il a demandé à voir les élèves qui suivent le cours de grec moderne. [...] On avait préparé un fauteuil au milieu de la classe, mais Dom Pedro a tenu à s'asseoir sur le même banc que les élèves ; et quand l'un de ces jeunes gens s'est avancé pour faire un compliment au monarque, quelle n'a pas été la surprise d'entendre Dom Pedro répondre en grec moderne avec une pureté d'accent qui a étonné M. Mélas lui-même [« un des membres les plus distingués de la colonie hellénique »]. [...] À sa sortie du Lycée, l'empereur s'est dirigé à pied vers la rue de Lodi. Il est entré au nº 70, où se fait un cours d'arabe gratuit. [...] Dom Pedro sait aussi l'arabe [...]".

³³ Agora chamada *La Canebière*, e o imóvel é o endereço de uma loja da rede de roupas C&A.

³⁴ Original: "S. M. Dom Pedro, empereur du Brésil, est arrivé hier à Marseille par le train de 2 heures 18 minutes, de retour de Cannes. Il est descendu avec sa suite à l'hôtel de Marseille" / "S. M. Dom Pedro, Imperador do Brasil, chegou a Marselha ontem no trem de 2 horas e 18 minutos de Cannes. Ele se hospedou com sua suíte no hotel em Marselha" (In: *Le Petit Marseillais*, edição de 10 de fevereiro de 1872. Disponível em: [Retronews](#)).

³⁵ Original: "Sa Majesté l'Empereur du Brésil, pendant son avant-séjour à Marseille, m'a témoigné combien il appréciait vos œuvres et combien il désirait en connaître l'auteur. Il m'a même chargé de vous écrire pour vous prier de vous trouver ici à son retour, qui aura lieu le 9 de ce mois, et si vous voulez bien venir au Consulat dans

Imagem 2: Carta de convite a Frédéric Mistral



Fonte: Museu Frédéric Mistral, Maillane (França).

Em sua edição de 1873, *L'Armana prouvènçau* relatou o encontro entre os dois homens e, em particular, o espírito latino presente no Brasil:

O imperador começou elogiando Mistral por Calendal e Mireille. Ele lhe disse, diante de sua corte, que havia feito a viagem de Nîmes a Nice com esses dois livros nas mãos; que queria ver a Crau, Cassis e o Estérel, e que reconheceria as várias paisagens descritas e ilustradas pela Musa da Provença.³⁶

E a revista relatou também Dom Pedro demonstrando grande interesse pelas ideias de Félibrige e aconselhando seu interlocutor a usar o idioma provençal em todas as circunstâncias:

Dom Pedro declarou que as nações estrangeiras, mesmo na América, estavam observando com interesse o renascimento provençal: por um lado, porque a Provença, por meio de seu renascimento da poesia, é simpática a todos os povos e, por outro, porque o renascimento e a perpetuação de nacionalidades menores são necessários para a vida e a liberdade do mundo. O Imperador perguntou se tínhamos escritores de prosa; ele foi muito insistente nesse ponto e nos aconselhou, se nos importássemos com o futuro de nossa Causa, a usar a linguagem em todos os sentidos, especialmente em obras de história.³⁷

la matinée de ce jour, j'aurai l'honneur de vous présenter à sa Majesté. Veuillez agréer, Monsieur, l'expression de mes sentiments les plus distingués”.

³⁶ Original: “L'Empereur coumencè pèr coumplimenta Mistral sus Calendau e sus Mirèio. Ié diguè davans sa court qu'avié fa lou viage de Nîmes à Niço em'aquéli dous libre entre man ; qu'avié vougu vèire la Crau, e Cassis, e l'Esterèu, e qu'avié recouneigu li divers païsage descri e ilustra pèr la Muso de Prouvènço”.

³⁷ Original: “Don Pedro declarè que li nacioun estrangiero, meme dins l'Americo, seguien em' interès la reneissènço prouvènçalo: uno que la Prouvènço, pèr soun trelus de pouèsio, es simpatico en tóuti li pople, l'autro, que lou revèi e la perpetuacioun dinaciounalitaminouro soun necite pèr la vido e la liberta dóu mounde. L'Empereur demandè s'avian d'escrivan en proso; insistè,forço aqui-dessus, e counseïè que, se tenian à l'aveni de nosto Causo, devian emplega la lengo de tóuti li façoun, e principalamen en de travai d'istòri. Es dounc emé recouneissènço autant qu'emé veneracioun que saludan eici la memòri d'aquéu grand sage que, dintre soun long règne de quâsi 60 an (1831-1889), empleguè soun poudé à civilisa soun pople, à l'enanti vers lou prougès, à ié

Além disso, Dom Pedro nunca perdia uma oportunidade de mencionar Frédéric Mistral em suas discussões: “Sua Majestade conversou longamente com o Sr. Messier³⁸ sobre nossas glórias provençais: ele leu os poemas de Mistral e de Jean Aicard, dados pelos autores ao ceramista de Golfe-Juan, e falou efusivamente sobre o ilustre Mistral, autor de Mireille” (*In: Le Petit Marseillais*, edição de 2 de novembro 1887)³⁹. Esse encontro conduziu a uma correspondência entre os dois homens, e Dom Pedro dava grande importância à poesia do Mestre de Maillane (DDP 17: 11 de novembro de 1887): “Passei por uma livraria onde comprei as poesias de Mistral” e escreveu em seu diário em 30 de dezembro de 1887 (DDP 17):

Recebo um bilhete de visita de Mistral em provençal – Frederi Mistral e sa moiné – Maillane (Bouches du Rhône 29 Xbre 1887) entre os traços por letra dele assim como outro – À sa Majesta Don Peire II emperaire dóu Brasil tóuti li vot couvau de soun bèn devot sòci en Felibrige. F. Mistral.

Na ocasião da morte do imperador, Frédéric Mistral publicou na revista *l'Aiòli* de 17 dezembro de 1891, sob o pseudônimo G. de M. (Gui de Mountpavoun), o anúncio enviado à família do soberano:

Dom Pedro d'Alcantara, o imperador do Brasil, que acaba de morrer em Paris, era um amigo da França, um hóspede da Provença, onde frequentemente vinha passar o inverno em Cannes, e um sócio do Félibrige. No Jeux Floraux em Carpentras, em setembro passado, como prova de seu interesse pelo renascimento da língua provençal, ele teve a amabilidade de enviar, como vimos nesta revista⁴⁰, um estudo sobre as canções provençais dos judeus, o que lhe rendeu um grande Diploma de Honra do júri. Em fevereiro de 1872, ele convidou o autor de Mireille em Marselha, onde foi informado sobre as ideias fêlibréanas e as obras produzidas por nosso renascimento. Ele chegou a aconselhar os fêlibres a não se contentarem em cantar bonitos versos, mas, se quisessem crescer, que se dedicassem à prosa e a obras de história.

É, então, tanto com gratidão quanto com veneração que saudamos a memória desse grande sábio que, durante seu reinado de quase 60 anos (1831-1889), usou seu poder para civilizar seu povo, para empurrá-lo em direção ao progresso, para lhe dar boas leis, para lhe dar paz e glória e que, se foi derrubado por uma revolução, foi por ter abolido a escravidão.⁴¹

douna de bôni lèi, à lou teni en pas e glòri, e que, se fuguè debaussa pèr un cop de revoulucioun, lou fuguè pèr avé abouli l'esclavage”.

³⁸ Sobre Clément Massier, conferir nota 67.

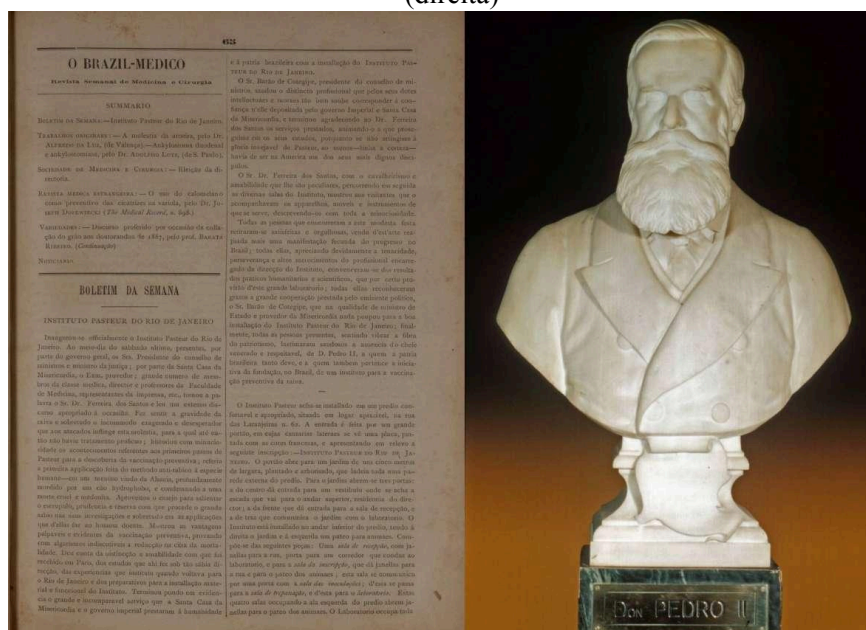
³⁹ Disponível em: Retronews.

⁴⁰ *L'Aiòli* de 7 de septembre de 1891.

⁴¹ Original: “Don Pèire d'Alcantara, l'emperaire dóu Brasil, que vèn de mourir à Paris, èro un ami de nosto França, un oste de la Prouvènço, ounte souvènti-fes venié passa l'ivèr, à Cano, e un Sòci dóu Felibrige. I Jo Flourau de Carpentras d'aquest darrièr mes de setembre, pèr temougna de l'interès que prenié au revieu de la lengo prouvençalo, éu avié bèn vougu manda, coume s'es vist dins aquest journau, un estùdi sus li cant prouvençau di Jusiòu, que ié vauquè de la jurado un grand Encartamen d'Ounour. En febríe de l'annado 1872, avié counvida à Marsiho l'autour éu-meme de Mirèio, e s'èro fa metre au courrènt e dis idèio felibrenc e dis obro prouducho pèr nosto reneissènço. Avié meme douna pèr counsèu i felibre de noun se countenta de canta de bèu vers, mai, se voulien trachi, de se metre à la proso e i travai d'istòri”.

Dom Pedro foi *sòci*⁴² do Felibrige no ano seguinte. Ele também esteve envolvido em várias ações do Félibrige, como a lançada durante a epidemia de cólera na Provença entre 1884 e 1885: “A subscrição aberta pelo escritório da Manutenção da Provença para o benefício das vítimas da última epidemia de cólera produziu a soma de 750 francos, dos quais destacamos 300 francos enviados por S.M. Dom Pedro, imperador do Brasil e *sòci* do Felibrige” (In: *La Revue félibréenne*, 1885, tome I, p. 76).⁴³

Imagem 3: Institut Pastor no Rio (esquerda) e busto de Dom Pedro II no Institut Pasteur no Paris (direita)



Fonte: Fundação Fiocruza (publicação) e Institut Pasteur (busto).

Essa ação deve ser vista no contexto do apoio de Dom Pedro a Louis Pasteur: ele foi um dos principais assinantes do Instituto Pasteur em Paris⁴⁴, inaugurado em 1888, e permitiu a criação de um instituto no Rio no mesmo ano⁴⁵:

⁴²A palavra *sòci* se refere a um membro do Felibrige, uma associação fundada em 12 de maio de 1854 por sete jovens poetas provençais, Frédéric Mistral, Joseph Roumanille, Théodore Aubanel, Jean Brunet, Paul Giéra, Anselme Mathieu e Alphonse Tavan, com o objetivo de promover e preservar a cultura provençal por meio de sua língua e tradições.

⁴³ Original: “La souscription ouverte par le bureau de la Maintenance de Provence au profit des victimes du dernier choléra a produit la somme de 750 fr., sur laquelle nous remarquons 300 fr. envoyés par S.M. don Pedro, empereur du Brésil et *sòci* du félibrige”.

⁴⁴ Os doadores incluíam Dom Pedro II, Alexandre III da Rússia, Cécile Furtado-Heine, Marguerite Boucicaud, Alphonse de Rothschild e o Comte Léonel de Laubespain, todos com seus bustos de mármore no auditório do Institut Pasteur em Paris.

⁴⁵ O Instituto do Rio foi estabelecido entre 1888 e 1910 na rua das Laranjeiras, n. 308. Foi também o primeiro Instituto Pasteur do mundo, precedendo o de Paris em nove meses, mas em 1910 foi transferido para o centro do Rio, na rua das Marrecas. Posteriormente, outros institutos foram fundados no país: Recife em 1889, Juiz de Fora em 1910, Florianópolis em 1912, mas o único que manteve seu nome original foi o de São Paulo, fundado em 1903.

9h 10' Já jantei. Recebi carta do presidente Rolland datada de 14 Cannes, mandando o discurso de recepção de Alfredo Jourdan como membro da Academia de Marselha e resposta do Marquês de Saporta, assim como a de 14 de Pasteur à minha carta, anunciando-lhe a instalação do Instituto anti-rábico do Rio de Janeiro (DDP 17: 14 de abril de 1888).

Em Cannes, Dom Pedro se hospedava regularmente no Grand Hôtel, perto da Croisette: “Um concerto íntimo foi realizado no Hôtel Beau-Séjour na noite de quarta-feira, na presença de Suas Majestades, o Imperador e a Imperatriz do Brasil” (*In Le Midi hivernal*, edição de 24 de novembro de 1887)⁴⁶; “Jantei no Grand Hotel cujas salas de gosto mourisco são muito bonitas” (DDP 27: 15 de dezembro de 1887).

Imagem 4: Le grand Hôtel de Cannes



Fonte desconhecida.

Imagem 5: Grand Hôtel Beau-Séjour de Cannes



Fonte: Coleção de Dona Tereza Cristina Maria.

⁴⁶ Original: “Mercredi soir, a eu lieu à l’Hôtel Beau-Séjour, devant LL. MM. L’Empereur et l’Impératrice du Brésil, un concert tout intime”.



Sua popularidade era tão grande que, durante sua estada em 1887-1888, Dom Pedro foi recebido pela Escola de Lerins:

Parabéns ao povo de Cannes! Tendo o Imperador do Brasil e a Imperatriz estabelecido sua temporada de inverno em Cannes neste mês de janeiro, o buquê foi levado a eles pela Escola de Lérins, acompanhado por tamborins tocados por Magali e por um coro de cantores entoando canções do Felibrige. Sua Majestade Dom Pedro, que é membro do Felibrige, recebeu cordialmente a graciosa delegação, e tanto ele quanto sua esposa ficaram encantados com essa homenagem provençal (In: *Armana prouvençau*, 1889).⁴⁷

A homenagem em questão foi relatada por Marc Garbier (1967, p. 90), “Às pressas: em 14 de janeiro de 1888, com uma trupe de pandeiros, uma procissão foi ao Hôtel Beau Séjour para tocar o aubade para Dom Pedro, o Imperador do Brasil - em 22 de janeiro, banquete no Saint-Honoré... e fiquei todo o tempo na casa do Cabiscòu⁴⁸. François Mouton!”, mas também apareceu no *Armana prouvençal* de 1889, no qual foi declarado que o félibre François Mouton leu um texto escrito em provençal endereçado à imperatriz:

Saudações

A Sua Majestade a Imperatriz do Brasil, por ocasião das flores e da serenata oferecidas a ela e a seu esposo pela Escola de Lérins em 14 de janeiro de 1888.

Vossa Majestade,

Sois a digna esposa de quem quer ser tudo.

E que procura em toda parte encontrar a felicidade

Que ele gostaria de levar a seu povo devotado

Com doce paz, progresso e bem-estar.

Que Vossa Majestade apoie por muito tempo o exemplo de virtude

Que um tão belo par revela aos olhos do universo comovido:

Ele é, aos nossos olhos, o Rei dos Imperadores!

Cannes (Provença)⁴⁹

Por sua vez, Dom Pedro relatou esse momento nos seguintes termos (DDP 17: 14 de abril de 1888):

14 de janeiro de 1888 (sábado) — 8h Quase. Pareceu-me longa a noite. Dia nublado. Já estou vestido.

10h 5' Boa ducha. Passeio agradável embora o céu esteja sarrabulhento. Já estive com a Antônia sempre descorada a quem dei o programa dos Félibriges.

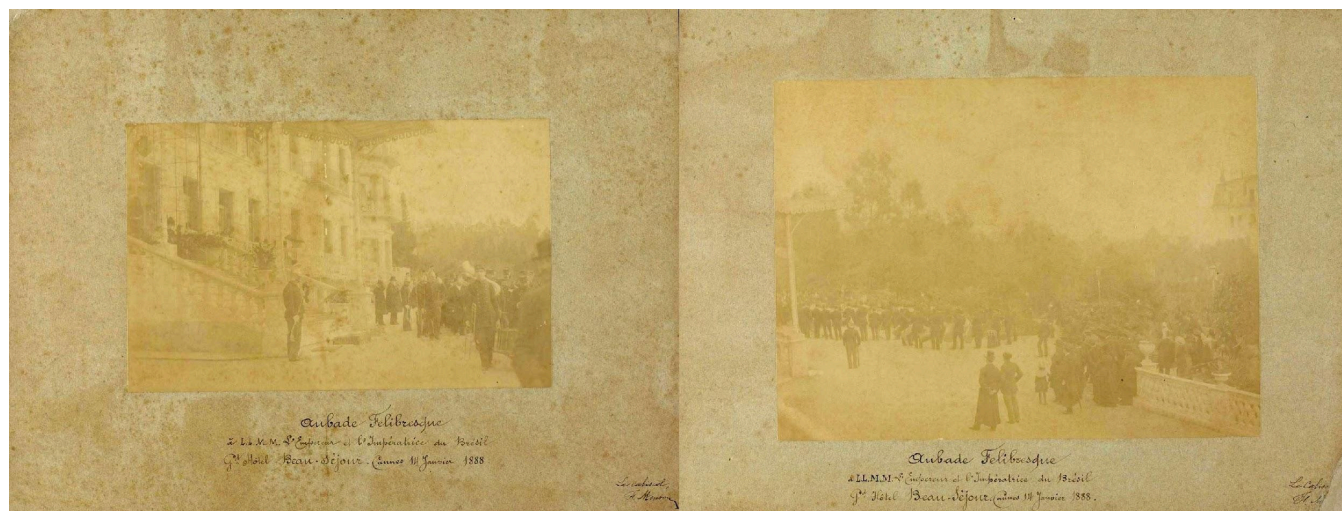
⁴⁷ Original: “Osco pèr li Canen ! l'emperaire dóu Brasil emé l'emperairis s'atrouvant, aquest mes de janvié, en ivernage à Cano, l'escolo Lerinenco i'a pourta lou bouquet, acoumpagnado de tambourin que jougavon Magali e d'un Cor de cantaire que fasien resclanti li cansoun felibrenco. S. M. Don Pedro, qu'es sòci dóu Felibrige, recaupè couralamen la graciouso deputacioun, e tant éu coume sa dono se moustrèron ravi d'aquel ómage prouvencau”.

⁴⁸ “Na associação provençal do Félibrige, o nome Cabiscòu é dado aos presidentes dos vários grupos, ou escola, que representam os dialetos de determinados centros” (In: *Lou Tresor dóu Felibrige*).

⁴⁹ “Original: “Counplimen A sa Majesta l'Emperatris dou Brasil à l'oucasoun di flour e de l'aubado que l'Escolo Lerinenco i' oufriguè em'a soun espous, lou 14 de janvié 1888. MAJESTA Sias la digno mouié d'aquéu que vou tout èstre, E que cerco pertout pèr trouba lou bonur, Qu'à soun pople devot voudrié leissa segur, Emé la douço pas, lou prougrès, lou bèn èstre. Longo-mai segoundès l'eisemplé de vertu Que mostro un tant bèu paire A l'Univers tout esmougu: Es bèn realmente, à nostis iue, lou Rèi dis Emperaire. Cano de Prouvenço”.

11h Interrompi o almoço para recebê-los e volto agora para ouvi-los de perto. ³/₄ Junto o programa da Aubade Félibresque. Estive no quarto da Antônia. Escrevi a Mme. de Villeneuve mandando-lhe o programa do concerto clássico de Monte Carlo de 19 onde se tocará a 2a. parte de 'Paraguaçu' ópera cujo poema lírico é do sogro assim como a música com a colaboração de J. O' Kelly.

Imagem 6: Aubade félibresque



Fonte: fotografia dedicada por Francis Mouton, biblioteca digital luso-brasileira.

Outro homenagem ao imperador havia sido publicado alguns meses antes na imprensa local, na forma de um poema de Francis Mouton:

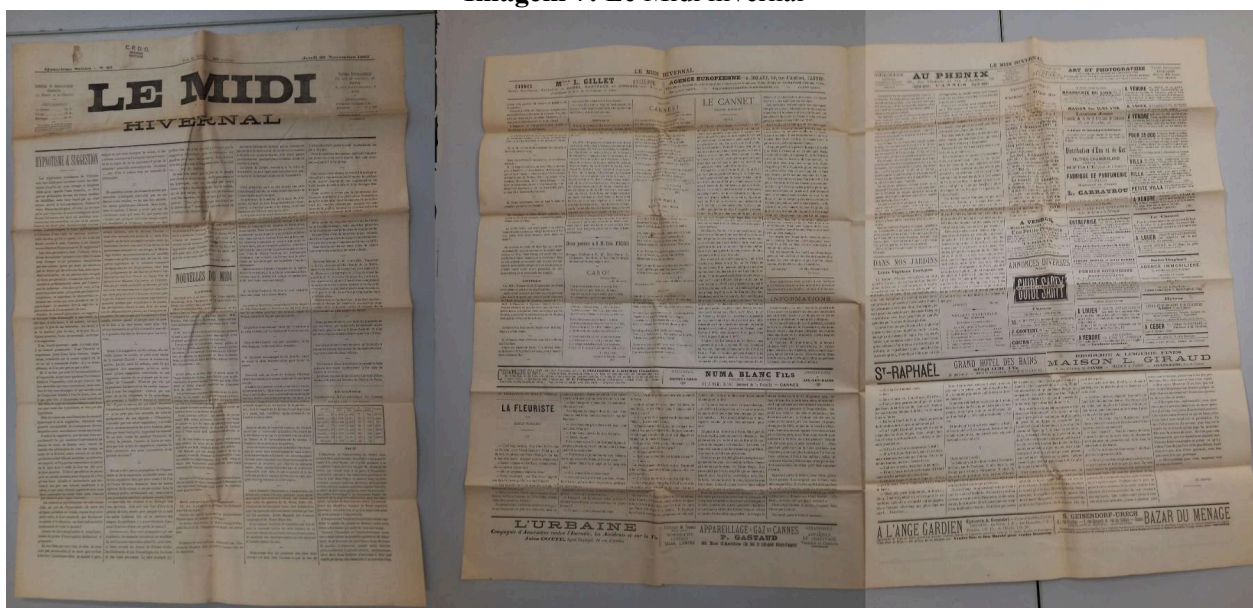
Cannes !
A vida floresce sob os raios de seu sol,
Flores de todas as latitudes, frutos e saúde;
O estropeado endireita seus membros, o surdo se torna surdo,
E os doentes riem dos médicos atônitos.
Seu céu, tão azul, é manchado apenas pelas estrelas,
Brilhante, deslumbrante, carregado de fogo;
Teu mar é um espelho d'água, tão puro e belo
Que mostra suas profundezas e suas riquezas.
Reis e príncipes coroados da terra
Escolheram seu ninho esplêndido;
E gritam para o mundo inteiro: 'Se você quiser esquecer a guerra
'Venham e bebam nas fontes deste Paraíso.
'Venham sem motivo escondido, é aqui que se extinguem
'As tristezas da alma e as sementes do mal,
'É aqui que renascem os sonhos de afeto,
'Os únicos que nos fazem viver novamente,
'Os únicos que devemos desejar'
(In: *Le Midi hivernal*, edição de 24 de novembre de 1887, p. 2)⁵⁰

⁵⁰ Original: "Cano ! I rai de toun Soulèu s'espadiçoun la Vido Li flour de tout païs, la frucho, la Santa ; Lou toussa sez fa dre, la sourdo pren l'òusido, E li malau fan niquo i doutour espanta. Toun Cèu pinta de blu n'es taca que d'estelo Brilhante, esbléugissent, e cafido da fuec ; Ta Mar es soun mirau d'aigo puro tant belo Que fai véire si found, si richesso en tout luec. Perèu Rei courounas et Prince de la terro An ben saupu choú l'esplendour de toun nis, E cridon de pertout : « Per oubliada la guerro « Venès vous abeura dins aquest Paradis !.. « Venès senso regret, es eici que s'estegnon « Li tristesso de l'amo e li germe dóu maù ; « Li songe amistadous es eici que reneisson, « Eici que fan revieüre, eici que fan tant gaù »".

Seguido por outro poema do *sous-cabiscou* Millet, novamente sobre o tema da felicidade e prosperidade:

Para Dom Pedro
Imperador do Brasil
Nos tempos antigos, reis e imperadores
Eram flagelos de Deus. No rebanho humano,
Passavam ferozmente com seus terríveis ancinhos,
Surdos aos gritos de dor de crianças e mães.
Agora, esse tempo se foi; unidos como irmãos,
Povos e soberanos, sob a mesma bandeira,
Juntos, eles vão conquistar a verdade e a beleza,
Amando uns aos outros como filhos nascidos do mesmo pai.
A idade de ouro que todo bom coração espera,
Foi você, ó Dom Pedro, quem a trouxe à terra,
Filantropo, acadêmico, artista, liberal.
Muito melhor que o cetro, e melhor que a coroa,
Aquelas qualidades que só o coração dá,
Ó cidadão-príncipe, o tornam imortal.
(*In: Le Midi hivernal*, edição de 24 de novembro de 1887, p. 2)⁵¹

Imagem 7: Le Midi hivernal



Fonte: edição de 24 de novembro de 1887, Centre régional de documentation occitane de Mouans-Sartous (França).

⁵¹ Original: “A Don Peire II Empereire dóu Brasil Dins li tèms ancian, li rei, li emperaire Eroun de fiou de Diéu. Dintre l’uman troupeu Passavoun feroage, lou terrible rastèu, Sourds i cri de doulour dis enfant à si maire, Aro, aquèu tèms n’es plus : unis coumo dè frairè Poples é soubeirans, soutu’n même drapéu, Ensén van counquista lou Verai é lou Bèu, S’eiman coumo d’enfant neissu dai même paire. Aqueu bel age d’or que tout gran couar espèro Es tu, ô Don Pedro, que l’as adu sur terro, Philantropo savèn, artisto libérau. Ben miés que lou sceptre, é miés que la courouno, Aquelu qualita, qué soulet lou couar douno, O prince-Citouyen, ti sacroun immourtau”.



Além das atividades culturais de Félibrige, Dom Pedro se interessava muito pelas ideias do pan-latinismo e pela noção de raça e se informava sobre o que estava sendo dito ou publicado sobre esse assunto:

8h $\frac{3}{4}$ Li o belo livrinho de J. Simon sobre Michel Chevalier ambos meus muito conhecidos pessoais (DDP 30: 25 de janeiro de 1890).

8h $\frac{3}{4}$ Acabo de ler o interessantíssimo discurso de Jules Simon sobre Michel Chevalier (DDE 30: 26 de janeiro de 1890).

8h $\frac{1}{2}$ Comecei o livro de Quatrefages sobre as raças que é muito interessante (DDP 30: 21 de março de 1890).

Michel Chevalier, que provavelmente criou o termo *América Latina*⁵², foi precisamente o ideólogo da teoria panlatina de Napoleão III, e Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau, zoólogo e antropólogo, era favorável a uma distinção entre raças com base no intelecto e na moral, que dependia do lugar do mundo em que viviam. Os dois homens não compartilhavam a mesma visão do mundo e da humanidade. Em uma época em que as teorias raciais de Darwin e outras estavam muito em evidência, Noely Zuleica Oliveira Raphanelli (2012, p. 149) acredita que Dom Pedro tinha suas próprias convicções e não se deixava influenciar por ninguém:

O imperador deixava-se influenciar pelos gostos alheios, mas não pelas idéias e princípios políticos ou morais, o que pode explicar seus estreitos laços com intelectuais racistas como era o caso de conde Gobineau, cônsul no Brasil e conhecido teórico do racismo (eugenia) cujo pensamento conflitava com a visão humanista e multicultural que o imperador tinha da história do mundo e das sociedades humanas, favorável sempre aos ideais de liberdade e igualdade.

E ele era favorável ao pensamento panlatinista, que estava mais próximo de suas ideias. Ele pediu a Frédéric Mistral que lhe enviasse as resenhas de Félibrige para que pudesse se manter a par dos desenvolvimentos do movimento, especialmente de suas posições literárias e políticas.

O imperador tradutor do occitano e em português

Homem com inclinação para as ciências, mas também para a literatura, Dom Pedro falava uma grande variedade de línguas, como já vimos. Além do português, era capaz de se expressar em francês, grego, hebraico, sânscrito etc:

5h $\frac{1}{4}$. Tomei o café e vou traduzir Tucídide (DDP 14: 15 de novembro de 1872).

⁵² Michel Chevalier é uma das pessoas (José Maria Torres Caicedo, Lazar Maurice Tisserand) a quem se atribui a criação do termo América Latina (consultar nota 12).



5h 20m Tomei o café. Vou traduzir do hebreu (DDP 14: : 14 de novembro de 1872).

4h 20' Dei lição de sânscrito (DDP 17: 29 de agosto de 1887).

Sob o título *A Canção dos Latinos* (DDP 17: 5 de abril de 1888), ele traduziu *La canzone dei Latini*⁵³ escrita por Leonida Olivari, que já era ela mesma uma tradução da canção *La Marsiheso di Latin* de François Vidal.

La Marsiheso dei Latin	La canzone dei Latini	A Canção dos Latinos
Caro Italio, o sorre einado, Noblo fiho de Romulus, Seguis ta bello destinado, I Latin largo toun trelus ; Es tu la terro sèmpre flòri Dis art e di letro qu'aman : Sèmpre lou grand noum de Rouman Dins l'univers fara ta glòri.	Cara Italia suora amata, Dei Roman sangue preclar Sui Latin predestinata Splendid astro a scintilar Sei la terra che si noma Delle muse e degli amor Che la gran fama di Roma Tassecura gloria ognor	Cara Itália, irmã amada, Romana estirpe a brilhar Prá os latinos destinada Esplêndido astro a cintilar És a terra que se chama Das Musas e do amor Pois de Roma a excelsa fama Afirma-te glória e louvor
Espagnen, Italian, Franc, Rouman, Prouvençau, Latin, tóuti d'acord canten à faire gau !	Itali, Franchi, Iberi ed Engandini Cantem d'accordo, tutti siam Latini	Ítalos, francos, íberos e engadinos Cantemos d'accordo, pois somos latinos
Pourtugués, ardit navigaire, Emai vâutri fièrs Espagnòu, Alin is Indo, o vanegaire, Troubas de país flame nòu ! En cavant l'or dóu Nouvèu-Mounde Plantas l'aubre de Redemcioun, E li luénchi poupulacioun I Latin largon soun abounde.	Portoghese, buon marino E tu pur fiero Spagnuol Che dell'India in sul cammino Discoprìsta ignoto suol E laggiù l'oro cereando Vi portaste redenzion, A quei popoli insegnando Dei Latin l'arte e il sermon	Português bom marinheiro E tu altivo espanhol Que das Índias caminheiro Achastes terras do sol E aí o ouro buscando Lhes levaste redenção A seus povos ensinando Latina língua e invenção
Espagnen, Italian, Franc, Rouman, Prouvençau, Latin, tóuti d'acord canten à faire gau !	Itali, Franchi, Iberi ed Engandini Cantem d'accordo, tutti siam Latini	Ítalos, francos, íberos e engadinos Cantemos d'accordo, pois somos latinos
Au gai Tirol, à l'Engadino, Dintre ta caso, fort Grisoun, En la vièio lengo ladino Fai ta preguiero e ti cansoun...	Nel Tirol nell'Engadina Nella tua baita, oh o Grigion Nella tua lingua ladina Fà tue preci e tua canzon Del Danubio in sulle rive	No Tirol, na Engadina Na tua baita, oh Grigião, Na tua língua ladina Solta preces e canção Onde o Danúbio se passe

⁵³ A tradução dessa canção para o ladino dolomítico, falado principalmente no nord-este da Itália (não confundir com a língua utilizada pelos judeus da península ibérica), foi obra de Gian Fadri Caderas (1830-1891) e foi inscrita nos Jogos Florais de Forcalquier de 1882, onde ganhou o ramo de oliveira de vermeil.



De-long Danùbi, o Roumanio,
Canto Trajan, la liberta !
Vai, fieramen podes canta,
Di Rouman tu qu'as lu genio.

Espagnen, Italian, Franc,
Rouman, Prouvençau,
Latin, tóuti d'acord canten à faire
gau !

O bèn-astrado, o ma Prouvènço,
Vuei a mai crèis ta resplendour :
Sies l'eterno font de Jouvènço,
La patrio di Troubadour...
A-z-Ais, dóu Nord qu'afrous
tempèri
Ennivoulis noste soulèu ?
Tu, Marius, couches lou flèu,
E de Roumo sauves l'empèri.

Espagnen, Italian, Franc,
Rouman, Prouvençau,
Latin, tóuti d'acord canten à faire
gau !

E tu, Franço cavaleirouso,
Flambèu de civilisacioun,
Di sèt sorre la mai urouso,
Siegues la rèino di nacioun !
Plus ges de guerro, plus d'aurasso,
Sout l'uei de Diéu t'espandiras,
E dins li siècle grandiras,
O cepo d'inmourtalo raço !

Espagnen, Italian, Franc,
Rouman, Prouvençau,
Latin, tóuti d'acord canten à faire
gau !

Libertà canta Traian
Rumen canta, e in te rivive

Itali, Franchi, Iberi ed Engandini
Cantem d'accordo, tutti siam
Latini

E tu mia bela Provenza
Che ogni di cresci in splendor
Fonte eterna di Giuvenza
Patria dei dei Trovator
Presso ed Aix quando dal Norte
Cupo nembo il sou velò
Mario accorse e dalla morte
Il romano impor salvo

Itali, Franchi, Iberi ed Engandini
Cantem d'accordo, tutti siam
Latini

E tu Francia, tu eroina
Caldo sol di civiltà
A te il nome di regina
Frà le suore resterà
Non più guerre, nom più affanni
Dio l'assiste e guiderà
E per lunga serie d'anni
La tua razza trionferà

Itali, Franchi, Iberi ed Engandini
Cantem d'accordo, tutti siam
Latini !

Cante-te livre o Trajano
E o rumento em ti renasce
O alto gênio do romano.

Ítalos, francos, íberos e engadinos
Cantemos d'accordo, pois somos
latinos

Tu minha bela Provenza
Sempre crescente em esplendores
Fonte eterna de juvença
Pátria és dos trovadores
Pero de Aix, se do norte
Nuvem negra o céu velou
Acudiu Mario, e de morte
A Roma o poder salvou

Ítalos, francos, íberos e engadinos
Cantemos d'accordo, pois somos
latinos

E tu oh França, heroína minha
Sol de progressos serás
Com justiça, qual rainha
Entre as irmãs te verás
Nem mais guerra, ou afãs assim
Deus te acode e guiará
Durante anos sem fim
Tua raça triunfará.

Ítalos, francos, íberos e engadinos
Cantemos d'accordo, pois somos
latinos!

Como atesta seu diário (DDP 17: 5 de abril de 1888): “8h 10’ Nada fiz de notável ontem depois do jantar a não ser a tradução de *La Canzoni dei Latini*”.

A tradução dessa canção para o português ilustrava a proximidade de ideias entre Dom Pedro e o movimento do Felibrige e, em particular, as relações entre as línguas latinas e os povos que as utilizam. De certa forma, essa tradução foi um reconhecimento da concepção muito particular da latinidade, que se baseava na união de povos da mesma origem mas com



sua própria herança, e que, portanto, era percebida como um farol, um ponto de resistência diante do dinamismo inglês, alemão e russo.

Apaixonado pela Provença e pela cultura hebraica, Dom Pedro escreveu e publicou em 1891⁵⁴, quase às vésperas de sua morte, em seu próprio nome, uma obra em francês intitulada *Poésies hébraïco-provençales du rituel israélite comtadin*, com a ajuda do rabino-chefe de Marselha, Benjamin Mossé (1891, p. XII-XIII), com quem mantinha contato desde muitos anos:

[...] com quei conversei em Marselha (DDP 17: 13 de dezembro de 1887).

Estive com o judeu Mossé, que escreveu a minha biografia e deu-me notícias de trabalhos relativos ao hebreu, e prometendo-me mandar algumas publicações (DDP 31: 24 de abril de 1890).

Hebraico. Livro do Mossé a quem mandarei a tradução em melhor francês (DDP 31: 29 de maio de 1890).

Vou ver se ponho em verso a tradução da oração do ritual hebraico que me enviou Mossé. [...] Acabei de traduzir a poesia hebraica do livro de ritual que comprei ao Mossé (DDP 31: 31 de maio de 1890).

No prefácio do livro, Dom Pedro (1891, p. XI-XII) explicou seu interesse pelo hebraico:

Em relação à história de meus estudos de hebraico, realizados com o objetivo de aprender mais sobre a história e a literatura dos hebreus, principalmente a poesia e os profetas, assim como as origens do cristianismo, eles remontam aos anos de paz antes da Guerra do Paraguai em 1865.⁵⁵

Assim como seu desejo de escrever esse livro: “É como admirador de longa data de Félibrige que estou decidido a publicar essas peças hebraico-provençais que ofereço à Société félibréenne por ocasião das grandes comemorações do centenário neste outono”.⁵⁶

O trabalho de Dom Pedro chegou a ser destacado por um júri: "Telegrama de Avignon [sic] 27 O Júri de Amor concedeu a Sua Majestade o Grand Diplome d'Honneur fora de concurso. Parabéns respeitosos e ardentes. Grande Rabino Mossé".⁵⁷

⁵⁴ O livro foi publicado no ano do centenário da anexação de Avignon e do Comtat Venaissin, então possessões papais, à França (18 de agosto de 1791).

⁵⁵ Original: “Quant à l’historique de mes études de l’hébreu entreprises dans le but de connaître mieux l’histoire et la littérature des Hébreux, principalement la poésie et les prophètes, comme aussi les origines du christianisme, elles remontent aux années de paix avant la guerre du Paraguay en 1865.”

⁵⁶ Original: “C’est comme amateur, déjà de longue date, du Félibrige, que je suis attaché à la publication de ces morceaux hébraïco-provençaux que j’offre à la Société félibréenne à l’occasion des grandes fêtes du Centenaire de cet automne”.

⁵⁷ Original: “Telegrama de Avignon [sic] 27 Jury cour d’amour a décerné a Sa Majesté grand diplome d’honneur hors concours. Respectueuses et ardentes félicitations. Grand Rabbin Mossé” (DDP 41: 31 de agosto de 1891).



Frédéric Mistral escreveu um artigo sobre esse assunto no jornal *L'Aiòli* em 7 de setembro de 1891,

Sua Majestade, Dom Pedro, que é um antigo sòci dos fèlibres e um estudioso como o Rei Roberto, quis, agora que tem tempo, provar-nos o interesse que tem em nosso renascimento, estudando as canções hebraico-provençais do passado que eram cantadas nas comunidades judaicas de Avignon, Carpentras, Cavaillon e l'Île [-sur-Sorgue]. Essas canções, chamadas Les Oeuvres, religiosas e simples e até alegres como nossas canções de Natal, eram cantadas em família após a refeição da Páscoa ou no quarto dos acouchées ou quando uma criança da casa ou da sinagoga era circuncidada em dias de festa [...]. [...] Daqui a alguns dias, Carpentras estará comemorando o centenário da união de Comtat com a França. E o júri dos Jeux carpentrassiens, a quem Dom Pedro enviou seu trabalho como um bom provençalista para participar de nossas celebrações, acaba de receber seu grande Diploma de Honra.⁵⁸

Com algumas explicações estilísticas:

Essas obras de poesia dos rabinos provençais, que são retiradas do Rituel comtadin, são escritas em hebraico nesse livro de orações, da seguinte forma. Depois de um verso hebraico, geralmente segue-se, rimando com ele, um verso provençal, como:

Ephtah sephataï berina,
Cantaren deman à dina,

[...] Depois, na obra, chamada Haggadah, há o texto caldeu dessa bobagem infantil, que era cantada à mesa, nas vigílias de Páscoa, da seguinte forma:

Un cabrit, un cabrit,
Qu'avi' achata moun paire,
Un escut, dous escut,
Had gadiâ! had gadiâ !

Es vengu lou cat,
A manja lou cabrit,
Qu'avi' achata moun paire,
Un escut, dous escut.
Had gadiâ! had gadiâ !

Es vengu lou chin,
A mourdu lou cat
Qu'avié manja lou cabrit
Qu'avi' achata moun paire,
Un escut, dous escut.
Had gadiâ! had gadiâ !

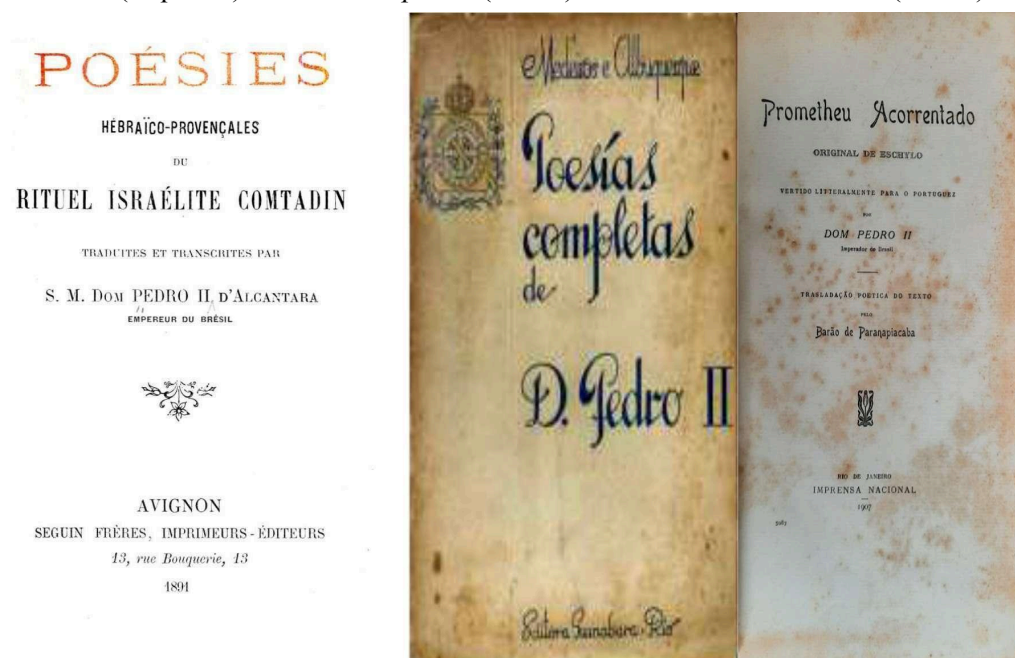
Es vengu lou bastoun, etc.

⁵⁸ Original: “Sa Majesta Don Pèire, qu'es un vièi sòci di felibre e qu'es un saberu coume lou rèi Roubert, a vougu, aro qu'a lou tèms, nous prouva l'interés que pren à nosto reneissènço en estudiant li cant ebraï-prouvençau qu'autre-tèms se disien dins li coumunauta jusiolo d'Avignoun, de Carpentras, de Cavaïoun emé de L'Ilo. Aquéli cant apela Lis obro, religious e naïve e meme galejaire coume nòsti nouvè, se ié cantavon en famiho après lou repas pascau o dins la chambro di jacudo o quand circouncisien un enfant de l'oustau o dins la sinagogo i jour de fèsto. [...] S'agis dóu Centenàri de l'unioun dóu Coumtat emé la França que Carpentras, dins quàuqui jour, vai celebra. E la jurado di Jo Flourau Carpentrasen, à la qualo Don Pèire, pèr prene part à nòsti fèsto, a manda soun oubreto de bon prouvençalisto, vèn de ié decerni, noun èro que justico, soun grand Encartamen d'Ounour”

Em nossos países, temos um conto de uma ama, A mosca e a formiga, baseado no mesmo tema, foi publicado há pouco tempo na revista Armana prouvençau. Mas nosso conto popular, que começa com um conflito entre o Gelo e o Sol, tem mais profundidade do que o conto judaico. Tudo isso deve ter vindo das profundezas do Oriente.⁵⁹

Este livro é um dos três⁶⁰ publicados até a presente data.

Imagem 8: As três publicações de Dom Pedro II, *Poésies hébraïco-provençales du rituel israélite comtadini* (esquerda), *Poesias completas* (centro) e *Prometheu Acorrentado* (direita)



Dom Pedro também traduzia para o português textos de pessoas envolvidas no movimento de Félibrige. Entre eles havia Émile Rigaud⁶¹, prefeito de Aix-en-Provence e primeiro presidente da Corte de Apelação da cidade:

⁵⁹ Original: “Aquélis obro o pouësio di rabin prouvençau, que soun tirado dóu Rituaou coumtadin, soun escricho en ebriéu dins aquéu libre de preguiero, e veici de queto maniero. Après un vers ebriéu, vèn generalamen, rimant em' éu, un vers prouvençau, coume eiçò pèr eisèmples: Ephtah sephataï berina./ Cantaren deman à dina, [...] l'a pièi dins lou recuei qu'apellon Haggadah lou tèste caldeien d'aquesto sourneto enfantino, que se cantavo à taulo, i vihado de Pasco, souto la formo que seguis: Un cabrit, un cabrit./ Qu'avi' achata moun paire./ Un escut, dous escut./ Had gadiâ! had gadiâ !/ Es vengu lou cat./ A manja lou cabrit./ Qu'avi' achata moun paire./ Un escut, dous escut./ Had gadiâ! had gadiâ !/ Es vengu lou chin./ A mourdu lou cat/ Qu'avié manja lou cabrit/ Qu'avi' achata moun paire./ Un escut, dous escut./ Had gadiâ! had gadiâ !/ Es vengu lou bastoun, etc.. Avèn dins nòsti vilage un conte de nourriço, La mousco e la fournigo, brouda sus lou meme tèmo e qu'avèn publica antan dins l'Armana prouvençau. Mai noste conte populâri, que se duerb pèr un counflit entre lou Gèu e lou Soulèu, a mai de prefoundour que lou conte judiéu. Tout acò dèu veni dóu founs de l'Ouriènt”.

⁶⁰ A lista contém: - a tradução do *Prometeu acorrentado* de Ésquilo; - *Poesias (originais e traduções) de S.M. o Senhor D. Pedro II*; - *Poesias Hebraico-provençais do Ritual Israelita Comtadin*.

⁶¹ Émile Rigaud traduziu o poema *Mirêio* de Frédéric Mistral para o ritmo do verso francês em 1879.



Le sol natal

[Tradução de Dom Pedro, DDP 27: 2 de dezembro de 1887:]

Au Village de Pourrières

Nescio qua natale solem dulcedme cunetus

Sumit et im memoris non sinit ese sui

Ovid. Pint. ep. 3

“O solo natal”

*Pauvre petit pays où le ciel m’a fait naître
Où dorment mes aïeux à l’ombre de la croix,
Où mon père m’apprit, mieux qu’aucun autre maître
Et tout ce que je sais et tout ce que je crois
Humble toit que mon ciel se plaît à reconnaître
Clocher qui m’attendait des que je l’aperçus
Montagne où je voyais le soleil disparaître
Doux vallons où j’aimais pour la première fois
Et vous tous, lieux chéris dont j’ai gardé l’image
Parfums du sol natal, souvenirs du jeune âge
Paix des champs qui s’accorde avec la paix du colur
Je viens vous retrouver au déclin de la vie !
Que volent près de vous les biens qu’en envie ?
Ils sont le rêve et vous, vous êtes le bonheur.*

*Paizinho onde o céu me fez nascer
Onde meus avós dormem junto à cruz
Onde como ninguém fez-me aprender
Meu pai tudo o que sei, e devo crer
Teto humilde que folgo de rever;
Torrinha, que de longe torna luz,
Monte, onde eu vejo o sol a se esconder,
Vale onde o amor primeiro me seduz
Vós caros sítios, de que zelo a imagem
Pátrio aroma, a do jovem só miragem
Paz dos campos que aplica-nos a mente
Eis que vos acho ao declinar da vida!
Que vale pois riqueza apetecida?
Tudo é sonho, mas vós dita sòmente.*

Iniciativas culturais e econômicas de Dom Pedro

Como já vimos, desde o início de suas viagens, Dom Pedro II aproveitou a oportunidade para visitar várias associações e companhias. Por exemplo, durante sua primeira visita a Marselha, além da refinaria de açúcar que visitou em 10 de fevereiro de 1872, Dom Pedro visitou a fábrica Grandval no mesmo dia: “O imperador então quis ver o moinho de óleo Grandval. Ele subiu até o quarto andar e pediu explicações sobre as máquinas de limpeza”.⁶²

Devemos observar que o estabelecimento foi fundado por Joseph Grandval, ex-conselheiro geral de Bouches-du-Rhône, presidente do Tribunal Industrial de Marselha e oficial da Legião de Honra, e que, na época da visita imperial, ele estava em Cannes. É provável que o soberano fosse recebido por seu filho, Alphonse Grandval, que mais tarde atuou como presidente da Câmara de Comércio de Marselha entre 1875 e 1881.

Durante sua terceira viagem à Europa (1887-1888), Dom Pedro visitou oficinas de artesanato e estabelecimentos industriais:

Suas Majestades, o Imperador e a Imperatriz do Brasil, acompanhados por uma grande comitiva, visitaram hoje as vastas e suntuosas galerias do Golfe-Juan. Suas

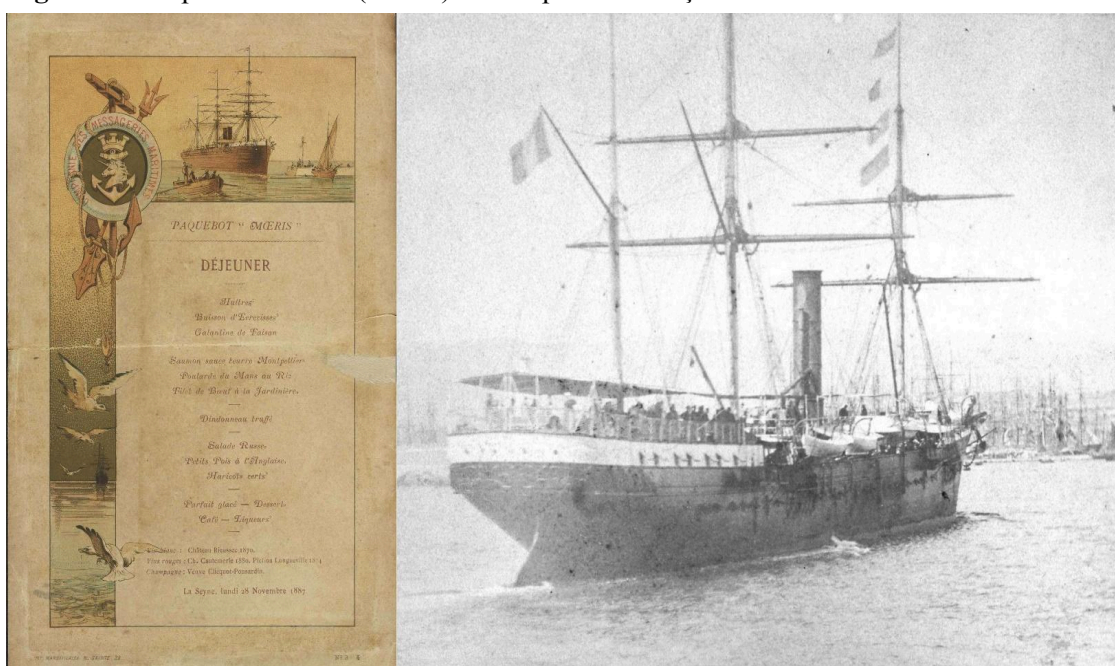
⁶² Original: “L’empereur a voulu voir ensuite l’huillerie Grandval. Il est monté jusqu’au 4me étage, demandant des explications sur les machines de nettoyage”.

Majestades chegaram à uma hora da tarde e saíram às três e quinze da tarde, tendo feito várias compras.

Eles parabenizaram calorosamente o diretor da fábrica, Sr. Clément Massier. O imperador escreveu em sua própria caligrafia no livro da empresa: D. Pedro d'Alcantara, sócio estrangeiro da Academia de Ciências (*In: Le Petit Marseillais*, edição de 2 de novembro de 1887).⁶³

Visitando os estaleiros navais em La Seyne, perto de Toulon, depois uma visita do vapor *Le Moeris*, “Na Seyne visitei o vapor *Moeris* que deve levar-me ao Egito. [...]” (DDP 27: 28 de novembro de 1887).

Imagem 9: O vapor *Le Moeris* (direita) e cárdapio do almoço a bordo em 28 de novembro de 1887

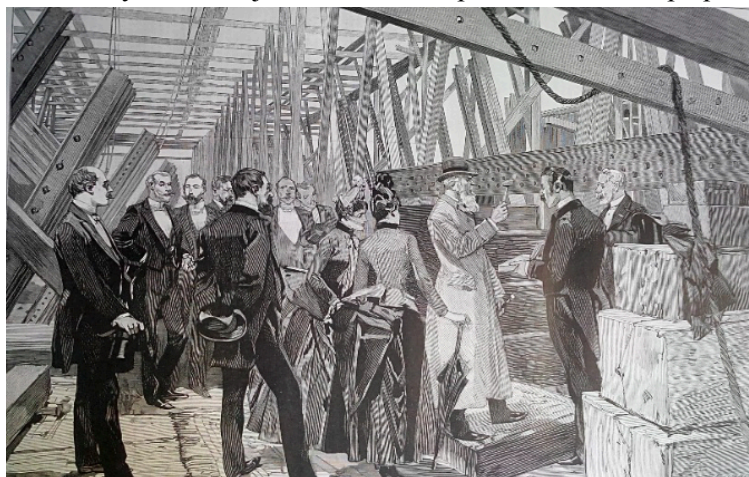


Fonte: Biblioteca nacional digital do Brasil e Messageries Maritimes.

Ele colocou a primeira cavilha do transatlântico *Le Brésil*: “Preguei a cavilha no vapor *Brésil* para o serviço da linha de Bordéus ao Brasil. Deve ser um belo navio. Será um pouco maior que o “Portugal” que vi no Tejo” (DDP 27: 28 de novembro de 1887).

⁶³ Original: “LL. MM. l’empereur et l’impératrice du Brésil, accompagnés d’une suite nombreuse, ont visité aujourd’hui les vastes et splendides galeries du Golfe-Juan. Leurs Majestés sont arrivées à 1 heure de l’après-midi et sont reparties, à 3 heures un quart, après avoir fait de nombreux achats. Elles ont vivement félicité le chef de la manufacture, M. Clément Massier. L’Empereur a écrit de sa main sur le livre de la maison : D. Pedro d’Alcantara, associé étranger de l’Académie des sciences”. Disponível em: [Retronews](https://retronews.org/fr/le-petit-marseillais/1887/11/02/le-petit-marseillais-1887-11-02-2).

Imagem 10: “La visite de l’Empereur du Brésil aux chantiers de la *Société des Forges et Chantiers de la Méditerranée* à la Seyne. Sa Majesté Dom Pedro posant le rivet du paquebot “Le Brésil”



Fonte: X.

Imagem 11: O Vapor *Le Brésil* em 1889



BRÉSIL Paquebot France 1889

PHOTO MARIUS BAR TOULON
Tous droits réservés

Fonte: Marius Bar, Toulon.

Dom Pedro também frequentava associações culturais e academias científicas, participando delas ou mantendo-se atualizado sobre suas atividades⁶⁴. Ele mantinha relações regulares com o Institut Stanislas em Cannes⁶⁵, devido à presença de seus netos Luís e Pedro, alunos da escola.

⁶⁴ Entre elas estão a *Académie des Sciences*, a *Académie nationale de Paris*, a *Académie de Médecine*, a *Académie des Inscriptions et Belles Lettres* e a *Académie des Beaux-Arts*.

⁶⁵ Entre os ex-alunos desse período estão o general Maxime Weygand (1867-1965), que se tornou membro da *Académie française* em 1931, e Frédéric Amouretti (1863-1903), amigo próximo de Frédéric Mistral e fundador da Escola de Félibrige de Paris.

12 de dezembro de 1887 — [...] 11h 20' Acabo de estar com o diretor do Colégio Stanislas (DDP 27).

19 de dezembro de 1887 — [...] 11h 5' Almocei bem. Conversei com o diretor do Colégio Stanislas e vou escrever para o Rio (DDP 27).

7 de fevereiro de 1890 — 6h 20' Traduzi árabe e continuei a ler a Arte Guarani de Restivo. Vieram l'abbé Federlin do colégio Stanislas convidar-me para festa do colégio e o presidente Roland trazer-me uma tradução francesa de Apuleu que hei de começar a ler antes de dormir (DDP 30).

3 de junho 1890 — Estive antes do almoço com o padre Berouielet professor de grego do colégio Stanislas (DDP 31).

Imagem 12: Institut Stanislas de Cannes



Fonte: Institut Stanislas.

23 de fevereiro de 1890 — 4h ½ [...] Fui ao Collège Stanislas onde vi meus netinhos maiores, e assisti a todas as aulas do dia, encontrando o Antônio com o Gaston ao sair de lá (DDP 30).

12 de maio 1890 — 4h Fui à casa da Isabel. Estava com o Gaston no Stanislas. Lá estive. Vi-os assim como meus netinhos Pedro e Luís (DDP 31).

25 de junho de 1890 — 4h 40' Colégio Stanislas. Exame de trigonometria. Responderam bem. Notei que não dessem noção do cálculo diferencial e integral para melhor compreensão dessa parte da geometria. Ouvi meus netinhos sobre álgebra – o Luís sempre mostrando-se nesse estudo melhor que o Pedro. Depois fui à aula de grego onde ouvi também meus netinhos sempre com a mesma distinção entre os dois (DDP 32).

3 de julho de 1890 — 4h 40' Almocei. Continuei o folheto do Taunay e volto do Colégio Stanislas onde estiveram meus filhos e netinhos e assisti às recitações cujo programa junto. Gostei muito (DDP 32).

E também fazia discursos ou participava de eventos:

21 de fevereiro de 1890 — 6h Já estou lendo, mas prefiro traduzir Les Brésiliennes, poesia que recitaram ontem no colégio Stanislas (DDP 30).

14 de abril de 1890 — 9h $\frac{3}{4}$ Muito me agradou a comunhão dos discípulos do colégio Stanislas. Encontrei lá mme. Amelot que disse só ter vindo para esta cerimônia (DDP 31).

28 de junho de 1890 — 6 $\frac{3}{4}$ [...] Amanhã vou mais cedo à ducha, para almoçar e assistir à festa de S. Pedro no colégio Stanislas (DDP 32).

9 de julho de 1890 — 12 $\frac{3}{4}$ [...] Trabalhei no que escrevo para a distribuição dos prêmios no Stanislas (DDP 32).

10 de agosto de 1890 — 7h 10' Esteve cá Jules Oppert a quem dei um exemplar de meu trabalho lingüístico para os prêmios do Colégio Stanislas em Cannes (DDP 33).

19 de março de 1891 — 11h 10' Assisti à festa de S. José no Colégio Stanislas e dei ao Abbé Federlein os meus versos. Cantaram em parte a missa de Mozart (DDP 37).

Em forma de homenagem, Dom Pedro escreveu um poema sobre a instituição⁶⁶:

Au collège Stanislas,

Le grec et le latin nous font mieux connaître
Sans presque l'oublier ce que fait la nature
? Beauté leur doit toujours notre littérature
et deux mères, beau monstre la faisant paraître
? Le calcul de l'intégrité constamment le maître
? Que dessin rendra doux ainsi que la peinture
Dont complète l'effet notre Sainte Écriture
Feron toute ignorance certes disparaître
Et si quelqu'un enfin poussera un hélas
Ne trouvant de remède à sa grande détresse
Je dirai que toujours au collège Stanislas
Il n'a été célèbre que par la paresse
De savoir même peu étant toujours fort las

D Pedro d'Alcantara

Que tous ces vers composant
Dans une langue étrangère
N'est pas outreuidant
S'il croit se tirer d'affaire

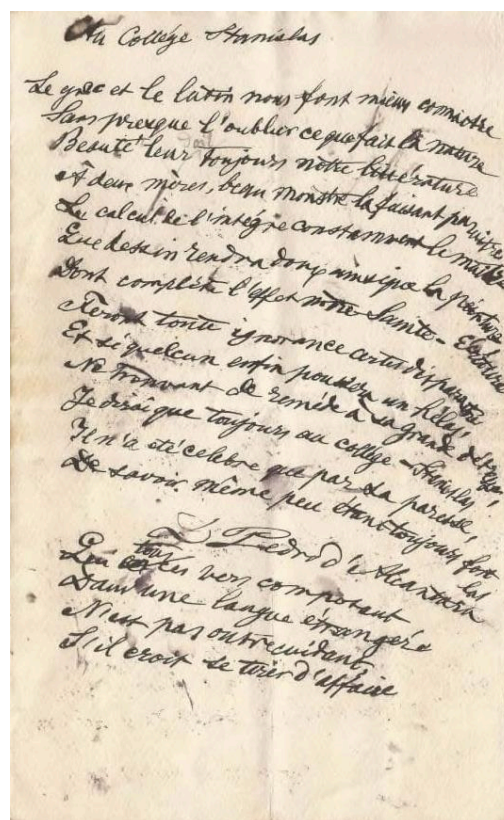


Imagem 13: Poema em francês de Dom Pedro II (1890)

Fonte: Maison de Ventes De Baecque.

⁶⁶ O poema não tem data. De acordo com a casa de leilões De Baecque, ele foi escrito por volta de 1890. No entanto, nenhuma menção a esse poema aparece no diário de Dom Pedro.



Considerações Finais

Neste artigo, destacamos as ligações entre Dom Pedro II e Frédéric Mistral e seu círculo, inscrevendo esse estudo em uma perspectiva histórica, sendo o tema da latinidade uma das forças motrizes do processo de unificação dos diversos países herdeiros de Roma, dos quais o Brasil e a França fazem parte. Como resultado, fiz uma apresentação vulgarizada do pensamento latino no Brasil por influência francesa no século XIX e da situação brasileira em relação aos países vizinhos, também herdeiros do espírito latino, na época em que Dom Pedro iniciou sua primeira viagem ao exterior. Assim, foi demonstrado que a latinidade não era única e indivisível, mas sim uma soma de várias latinidades, sendo que cada latinidade estava ligada ao território em que se encontrava, bem como ao contexto com o qual interagia.

Essa abordagem dupla, histórica e social, serve para estabelecer o contexto geral da relação entre Dom Pedro II e seus interlocutores provençais. Para isso, utilizamos o diário pessoal de Dom Pedro como base para o estudo em tela, complementado por revistas locais e, quando possível, documentos de coleções particulares, pois, apesar da importância de Dom Pedro II, nossas pesquisas documentais nem sempre foram as mais fáceis de encontrar, nem sempre foram gratificantes. As pesquisas foram marcadas, antes de mais nada, pela dispersão das fontes, por seu caráter confidencial ou mesmo pela simples falta de fontes. Por mais surpreendente que possa parecer, não encontramos documentos relativos às visitas do imperador brasileiro a Marselha nos arquivos das diversas instituições que contatamos (arquivos municipais, arquivos departamentais, consulado brasileiro em Marselha, embaixada brasileira em Paris etc.). Da mesma forma, alguns documentos parecem estar em coleções particulares, que ainda estamos tentando identificar.

Em suma, foram numerosos os obstáculos no progresso deste trabalho, que o privaram de mais perspectivas e que ainda deixam um grande número de pontos a serem explorados. No entanto, apesar da falta de algumas fontes adicionais, pudemos examinar, ou pelo menos marcar, os contornos da relação entre Dom Pedro e os diversos atores da Provença, seja em nível cultural, científico ou econômico, e globalmente, o Imperador do Brasil sempre impressionou pela proximidade com seus interlocutores, pela desenvoltura e benevolência em diversos aspectos intelectuais e pela devoção ao Brasil e ao seu povo.

Referências



Alcântara, Pedro de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Organização de Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

Alcântara, Pedro de. **Poésies hébraïco-provençales du rituel israélite comtadin**. Avignon: Seguin frères, 1891. Disponível em: [[Link](#)].

Ardao, Arturo. **Genesis de la Idea y el Nombre de América**. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980. Disponível em: [[Link](#)].

Brandalise, Carla. O conceito de América Latina: hispanoamericanos e a panlatinidade europeia. **Cuadernos del CILHA**, v. 14, n. 1, p. 74–106, 2013.

Castro-Mansano, Danielle Ribeiro de. **Representações de D. Pedro II em Portugal**. Imagem internacional do imperador brasileiro na viagem de 1871. Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação). Porto: Universidade de Porto, 2021. Disponível em: [[Link](#)].

Costa Tanize. **Un Brésil de papier Les représentations du Brésil dans la presse française (1874-1899)**. Tese (Doutorado em Historia). Paris: Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, 2018. Disponível em: [[Link](#)].

Costa, Tanize. Divulgar o Brasil civilizado. O uso da imprensa e a divulgação da literatura como meios de remodelar a imagem do Brasil na França (1883-1901). **Les Cahiers de Framespa**, nº 33, 2020. Disponível em: [[Link](#)].

Del Paso, Fernando. **Noticias del Império**. Madrid: Mondadori, 1987.

Duby, Georges. **Civilisation latine**. Des temps anciens au monde moderne. Paris: Éditions Olivier Orban, 1986.

Freitas, Divaldo Gaspar de. **Les voyages de l'empereur Pierre Second (D. Pedro II) en France**. Comunicação feita em Société française d'histoire de la médecine, 3 de junho de 1978. Le projet Numerabilis. Disponível em: [[Link](#)].

Ferreira dos Santos, Marie-José. La revue du Monde latin et le Brésil, 1883-1896. **Cahiers du Brésil Contemporain**, n. 23-24, p. 77-92, 1994.

Garbier, Marc. François Garbier. In: **Cent an de Felibrige à Cano**. Cannes: Escolo de Lerin, 1967. Disponível em: [[Link](#)].

Guyot, Yves. **L'évolution politique et sociale de l'Espagne**. Paris: Bibliothèque-Charpentier, 1899.

Larramendi, Ignacio Hernando de. **Utopia de La Nueva América**: reflexiones para la edad universal. Madrid: Digibís, 1992.



Marcelino, Jorge Enrique. Dom Pedro II nos Estados Unidos: imprecões do roteiro de um monarca viajante (1876). **Epígrafe**, v. 10, n. 1, p. 247-272, 2021.

Morin, Edgar. **La latinité**. Apresentação feita em uma conferência organizada pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo em agosto de 2003. Disponível em: [[Link](#)].

Mossé, Benjamin. **Dom Pedro II, Empereur du Brésil**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et C^{ie}, 1889. Disponível em: [[Link](#)].

Motta, Débora. As viagens do imperador brasileiro pelo mundo. **FAPERJ**, 2018. Disponível em: [[Link](#)].

Renan Ernest. **Qu'est-ce qu'une nation?** Conferência em Sorbonne de 11 de março de 1882. Disponível em: [[Link](#)].

[Iheal - Univ Paris 3](#)

Rojas Mix, Miguel. Bilbao y el hallazgo de América latina: Unión continental, socialista y libertaria.... **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, n. 46, p. 35-47, 1986.

Romanelli, Sergio; Stallaert, Christiane; Soares, Noêmia G. & Mafra, Adriano. Le cas de Dom Pedro II, empereur du Brésil et traducteur. Étude génétique de la traduction de l'Hitopadeśa. **Continents manuscrits**, n. 10, 2018.

Santos, Luís Cláudio Villafañe Gomes. **O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo**. Do Congresso do Panamá à Conferência de Washington. São Paulo: Unesp, 2004.

Zantedeschi, Francesca. **Romanistique et « panlatinisme » en France dans la deuxième moitié du XIX^e siècle**. V^e Congrès de la Société des Études Romantiques et Dix-neuviémistes, 2012. Disponível em: [[Link](#)].

Zea Aguilar, Leopoldo. **Latinoamérica**. Tercer Mundo. México: Extemporáneos, 1977.

Zuleica Oliveira Raphanelli, Noely. **D. Pedro II: vínculos com o judaísmo**. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

Fontes

Armana Prouvençau: 1855-1937 (Disponível em: [[Link](#)]); 1873 (Disponível em: [[Link](#)]) e 1889 (Disponível em: [[Link](#)]).

Diários de de Dom Pedro II (1840 – 1891). Disponível em: [[Link](#)].



Pierre-Paul Hay-Napoleone

Um encontro entre Brasil e Provença: o imperador dos Trópicos no Império do Sol

La Revue félibréenne: Tome I (1887-1888) (Disponível em: [[Link](#)]) e Tome VI (1890) (Disponível em: [[Link](#)]).

Le Petit Marseillais (1870-1944). Disponível em: [[Link](#)].

Submetido em: 14 de fevereiro de 2025

Avaliado em: 07 de março de 2025

Aceito em: 11 de abril de 2025